



**CELEBRAR IDEIAS
QUE MOVEM O FUTURO!**

INTERDISCIPLINAR /INTERCURSO: PEDAGOGIA & EXTENSÃO

Processo criativo do espetáculo "Nosso Chão": do corpo-memória ao corpo-ator

Creative process of the show "Nosso Chão": from body-memory to body-actor

Valdicélio Martins dos Santos¹

Karla Nascimento de Almeida²

Patrícia Falco Genovez³

Joana Paula Ataíde⁴

Andrea Cecília Moreno⁵

Arthur Minelli Araújo Gomes⁶

1 INTRODUÇÃO: QUANDO A TERRA VIRA PALCO

O presente texto apresenta o processo criativo do espetáculo *Nosso Chão*, desenvolvido no âmbito do Teatro Universitário da Universidade Vale do Rio Doce (Univale), enquanto expressão artística e formativa ancorada na escuta, na memória e na valorização dos vínculos territoriais. Criado em 2016 como projeto de extensão universitária, o Teatro Universitário tem atuado de forma contínua na cidade de Governador Valadares (MG), constituindo uma ponte histórico-criativa entre

¹ Doutor em Educação, professor no Curso de Pedagogia e coordenador do Projeto de Extensão Teatro Universitário - TU UNIVALE. E-mail: valdicelio.santos@univale.br.

² Mestrado em Gestão Integrada do Território pela UNIVALE e integrante do Teatro Universitário UNIVALE. E-mail: karla.almeida@univale.br.

³ Pós-doutorado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território, pesquisadora do Observatório Interdisciplinar do Território e docente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Univale. E-mail: patricia.genovez@univale.br.

⁴ Mestrado em Gestão Integrada do Território pela UNIVALE, professora de curso de Pedagogia, do Núcleo da Saúde e do curso Direito, pesquisadora do Observatório Interdisciplinar do Território. E-mail: joana.ataide@univale.br

⁵ Mestrado em Gestão Integrada do Território pela UNIVALE, pedagoga no Setor de Mídias e Tecnologias da Diretoria de Inovação Pedagógica e Educação Digital da Univale e integrante do Teatro Universitário Univale. E-mail: andrea.moreno@univale.br.

⁶ Mestrado em Gestão Integrada do Território pela UNIVALE, Pedagogo do Setor de Extensão da Diretoria de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação da UNIVALE e integrante do Teatro Universitário Univale. E-mail: arthur.araujo@univale.br.



**CELEBRAR IDEIAS
QUE MOVEM O FUTURO!**

universidade e comunidade. A proposta articula práticas pedagógicas, culturais e sociais em diálogo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS⁷, e envolve a participação de estudantes universitários, alunos de escolas públicas e privadas, egressos da universidade e demais interessados na linguagem teatral.

Ao longo de sua trajetória, o projeto tem se consolidado como espaço de construção coletiva do conhecimento, em que a arte cênica se entrelaça com temáticas sociais, políticas e ambientais, promovendo o fortalecimento da cidadania e o reconhecimento das narrativas locais. A metodologia utilizada neste texto é de caráter descritivo, com foco no detalhamento das etapas do processo de criação do espetáculo *Nosso Chão*. A dramaturgia, construída de forma colaborativa, emergiu de pesquisas históricas realizadas no âmbito do Programa de Mestrado em Gestão Integrada do Território – GIT/UNIVALE, e está enraizada nas memórias individuais e coletivas dos participantes, especialmente aquelas marcadas pela luta por moradia e pela relação com a terra na região do Vale do Rio Doce.

A presença do corpo em cena foi concebida como território sensível e político, capaz de carregar e transmitir as marcas da história e da luta, articulando biografias pessoais com contextos sociais mais amplos. A metáfora do “chão”, como lugar de origem, apoio e resistência, atravessa toda a narrativa do espetáculo, evocando experiências de ocupações, conflitos fundiários, construção de moradias e disputas por pertencimento. Essas vivências, compartilhadas pelos participantes, foram traduzidas em imagens, partituras corporais, músicas e cenas poéticas que materializam, no corpo e na voz, o gesto cotidiano da resistência. Ao valorizar memórias silenciadas como forma legítima de conhecimento, a criação dramatúrgica reafirma o potencial transformador da arte na construção de outras formas de ver, viver e contar a história.

⁷ ODS: 4- Educação de Qualidade, 5- Igualdade de Gênero, 10- Redução das desigualdades e 16- Paz, Justiça e instituições eficazes



**CELEBRAR IDEIAS
QUE MOVEM O FUTURO!**

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CORPOS, MEMÓRIAS E TERRITÓRIOS EM CENA

O espetáculo *Nosso Chão* emerge de um processo de criação cênica profundamente vinculado ao território do Vale do Rio Doce, com recorte na cidade de Governador Valadares (MG). A história da cidade, marcada por processos de apagamento e violência estrutural, foi tomada como ponto de partida para a composição dramaturgica e corporal da obra. A colonização portuguesa e, posteriormente, a expansão do capital minero-siderúrgico promoveram a expropriação territorial dos povos originários, como os Krenak, Pataxó e Maxakali, bem como o extermínio da vegetação nativa da Mata Atlântica (Espíndola, 2005; Marinho Júnior, 2022).

Nesse processo temporal, a configuração urbana atual resulta do processo de ocupação que, ao longo do século XX, subordinou corpos e territórios às lógicas do capital, do patriarcado e do coronelismo (Vilarino; Genovez, 2019). Em tempos recentes, a tragédia ambiental causada pela lama de rejeitos de minério que invadiu o Rio Doce reatualiza essas violências históricas, afetando sobretudo as populações ribeirinhas e os povos originários, como os Krenak, privados do uso espiritual e vital do rio (Facury *et al.*, 2019).

Tais fatos históricos impactaram não apenas a geografia física do território, mas também os corpos que nele habitam, marcados pela opressão, pela desigualdade, pelo silenciamento e também pela resistência.

Neste âmbito, o espetáculo “Nosso Chão” se desenhou, ao utilizarmos a noção de corpo-território como fio condutor do processo criativo, remetendo às relações intrínsecas entre os sujeitos e a terra que os constitui, revelando como o teatro pode ser um espaço de reativação das memórias e da produção de novas narrativas sobre os lugares e suas gentes (Santos *et al.*, 2025).

Dessa maneira, a criação cênica foi orientada pela escuta ativa do território, entendendo a cidade como um espaço múltiplo e tensionado, conforme aponta Haesbaert (2021) ao discutir a multiplicidade dos territórios e suas relações de poder. As histórias não-oficiais, os silêncios e as ausências foram tomados como matéria-



**CELEBRAR IDEIAS
QUE MOVEM O FUTURO!**

prima dramaturgical, constructing a poetics that does not represent the territory, but incorporates it. The bodies of the actors were activated as living archives of experiences traversed by collective memory, in a movement that refers to the “body-memory” (Santos *et al.*, 2024), activated by means of improvisations, biographical shares and performative procedures.

Different authors attribute meanings to the process of theatrical creation, in which the actor-body is understood as an agent of fabulation, in which the theatrical creation is born from the entanglement between life and art, experience and dramaturgy (Paiva; Andrade; Santos, 2014). According to Barba (1994), the body of the actor is trained to access states of presence that mobilize both their conscious layers as much as their unconscious ones. Lehmann (2007), for his part, proposes the post-dramatic theatre as a place in which the body becomes the center of signification, producing meaning beyond the text. In *Nosso Chão*, the actors do not interpret fixed characters, but construct scenes from their own experiences and their bonds with the territory, instilling a scene permeated with listening, sensibility and fabulation.

Art, in this context, configures itself as a political gesture of re-existence, that is, a way of inhabiting the world from a proper place, geographical, historical and epistemic, that challenges hegemonic narratives and affirms other ways of life. As affirm Hurtado and Porto-Gonçalves (2022, p. 3), re-existence, it is a “una forma de existir, una determinada matriz de racionalidad que actúa en las circunstancias, inclusive reacciona, a partir de un *topoi*, en fin, de un lugar propio”. This perspective refers to the deepening of the concept of territory proposed by Haesbaert (2004), which understands the territory not only as physical space delimited, but as lived space, traversed by relations of power, affects and identities. In this way, the territory is also symbolic and multiple, a place of disputes, but also of belonging and creation, well as represented in the spectacle *Nosso Chão*.

Thus, the artistic creation of the spectacle becomes a practice against hegemony, which resists the logic of historical erasure and the marginalization of popular knowledges. The creation of the spectacle *Nosso Chão*, therefore, does not limit itself to theatrical performance: it establishes itself as an act of denunciation and memory, aligned



**CELEBRAR IDEIAS
QUE MOVEM O FUTURO!**

à proposta benjaminiana de “escovar a história a contrapelo” (Benjamin, 1987), ou seja, de recuperar as vozes silenciadas pela narrativa dos vencedores.

Sob as perspectivas apresentadas, o processo criativo atua como uma escavação poética do território, mobilizando lembranças, afetos e experiências coletivas promovendo não apenas uma encenação, mas uma escavação poética do território, reativando os sentidos de pertencimento, resistência, dor, luta e reinvenção, em que, de acordo com Marandola Junior (2018), estabelecemos uma atuação encarnada e situada.

3 METODOLOGIA: DA MEMÓRIA À AÇÃO: CAMINHOS DE CRIAÇÃO

A metodologia deste trabalho é descritiva a partir das percepções e vivências do processo criativo do espetáculo *Nosso Chão* que teve como ponto de partida a construção de uma dramaturgia inédita por meio de uma criação coletiva, desenvolvida a partir de estudos sobre o território do Vale do Rio Doce, com recorte específico na cidade de Governador Valadares (MG). A pesquisa dramatúrgica originou-se da leitura crítica da história local e da elaboração de um romance inédito⁸, no qual personagens femininas narram e reconstroem os acontecimentos do Vale sob o viés da ancestralidade e da ligação com os ciclos da natureza, conforme podemos observar na imagem abaixo que representa o encontro entre Gaia (mãe terra) e Reia, sua filha.

⁸ Romance escrito por professores do Mestrado em Gestão Integrada do Território e professores do curso de pedagogia, egressos do programa de mestrado.

Figura 1 - Gaia (mãe terra) e Reia, sua filha



Fonte: Teatro Universitário (2024)

A proposta dramatúrgica foi inspirada pelo livro *Nas terras do rio sem dono*, que expressa a complexidade das relações sociais, históricas e ambientais do Vale do Rio Doce. A partir desse universo narrativo, o enredo do espetáculo foi estruturado em torno do encontro entre um jovem casal, herdeiros simbólicos das memórias e feridas de seu povo, cujas trajetórias pessoais se entrelaçam com o destino das terras valadarenses. Essa família ficcional, representada na Figura 2, carrega em seus corpos e afetos, a presença de quatro elementos da natureza (terra, água, ar e fogo) que se tornam operadores poéticos da ação cênica e da composição dos personagens

Figura 2 – Família ficcional



Fonte: Teatro Universitário (2024).

O desenvolvimento das cenas foi conduzido por meio de experimentações corporais, jogos teatrais e vivências sensoriais realizadas em diferentes espaços da cidade, cada qual associado a um elemento natural. Às margens do rio Doce, o grupo trabalhou com o elemento água (Figura 3), evocando memórias de fluxo, perda e reconexão. Em uma praça pública situada numa ilha urbana, a terra foi experimentada como matéria de presença e resistência. Já o elemento ar foi mobilizado nas práticas realizadas em espaços fechados, como as casas dos integrantes e a sede do grupo, onde se trabalhou a respiração, o sopro e a palavra. O fogo foi experienciado sob o sol, em exercícios ao ar livre, simbolizando a energia vital, o conflito e a transformação. Cada personagem da trama foi concebido com base nessas imersões, o que resultou em corpos-atores que não apenas representam, mas atualizam os elementos em cena.

Figura 3 – Exercício teatral às margens do Rio Doce



Fonte: Teatro Universitário (2024)

O figurino, desenhado coletivamente, foi composto majoritariamente por algodão cru, tecido resistente e típico da região, e traz em sua textura e cor a memória das lavouras e a simplicidade ancestral dos moradores do Vale. A trilha sonora, executada ao vivo com voz, violão e instrumentos de percussão, foi composta especialmente para o espetáculo, com canções que evocam a espiritualidade, o pertencimento a terra e o lamento das perdas históricas.

Figura 4 – O lamento pela perda



Fonte: Teatro Universitário (2024)

Por fim, o cenário buscou manter-se o mais natural possível, com a presença de folhas secas, terra vermelha e um barco simbólico, metáfora da travessia da família e da persistência dos pescadores que ainda enfrentam o rio marcado pela destruição.



**CELEBRAR IDEIAS
QUE MOVEM O FUTURO!**

Assim, a metodologia do processo criativo buscou integrar corpo, território, memória e natureza numa linguagem cênica sensível, política e profundamente enraizada.

5 RESULTADOS: FLORESCER SOBRE AS FERIDAS: OS FRUTOS DE NOSSO CHÃO

A realização do espetáculo *Nosso Chão* foi viabilizada por meio do incentivo da Lei Paulo Gustavo, que possibilitou a concretização de todas as etapas de criação e produção com os recursos necessários. Desde a escrita da dramaturgia original até a confecção de figurinos e cenários, o projeto contou com a participação ativa de profissionais da cadeia produtiva cultural local, promovendo não apenas o fortalecimento da economia criativa, mas também a valorização da cultura regional. Essa mobilização ampliou significativamente o impacto do projeto, gerando trabalho, renda e oportunidades para artistas, técnicos e demais colaboradores da cena artística de Governador Valadares.

Mais do que um espetáculo teatral, *Nosso Chão* se consolidou como um movimento artístico-social inovador na cidade e no contexto universitário, ao afirmar a arte como um direito e instrumento de resistência. A peça promoveu o resgate da memória coletiva, o sentimento de pertencimento e o reconhecimento das identidades locais, ampliando o diálogo entre universidade e comunidade. Ao ocupar espaços culturais e afetivos com uma linguagem potente e acessível, a produção reafirmou a importância do investimento público em cultura e demonstrou a capacidade transformadora da arte em contextos marcados por desigualdades sociais.

Após o processo de produção, o espetáculo foi apresentado em três ocasiões ao longo do ano de 2024, com expressivo alcance e reconhecimento. As duas primeiras apresentações ocorreram na cidade de Governador Valadares, sendo uma no tradicional Teatro Atiaia e a outra no anfiteatro da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, ambas com entrada gratuita. A figura 5 ilustra uma das apresentações em que mais de mil pessoas assistiram às sessões, demonstrando o impacto do teatro universitário como ferramenta de democratização da arte e acesso à cultura. Essas ações reafirmam o compromisso do projeto com a formação cidadã e a valorização

das expressões artísticas como direito fundamental, especialmente em regiões marcadas por desigualdades sociais e culturais.

Figura 5 – Apresentação do Espetáculo Nosso Chão na Univale



Fonte: Teatro Universitário (2024).

A terceira apresentação ocorreu no 8º Festival Nacional de Teatro de Mariana – MG, consolidando o espetáculo em âmbito estadual e nacional. A montagem recebeu nove indicações nas principais categorias do festival, incluindo melhor espetáculo, direção, atriz, ator, figurino, maquiagem, trilha sonora, cenário e o prêmio especial do júri, e conquistou quatro troféus: melhor ator, melhor trilha sonora, melhor cenário e o prêmio especial do júri. Esse reconhecimento atesta a qualidade estética e cênica da obra, além de evidenciar a força do teatro valadarenses quando compartilha suas histórias e territórios com outras comunidades. (Figura 6).

Figura 6 – Espetáculo Nosso Chão premiado no Festival de Mariana



Fonte: Teatro Universitário (2024)



**CELEBRAR IDEIAS
QUE MOVEM O FUTURO!**

Dessa maneira, o Projeto de extensão “Teatro Universitário Univale” tem se afirmado como uma iniciativa de profunda relevância para a comunidade local, justamente por promover a integração entre arte, educação e história regional. Ao transformar experiências e narrativas cotidianas em linguagem cênica, ele fortalece o sentimento de pertencimento, amplia o repertório cultural da população e cria pontes entre a universidade e os diversos territórios da cidade. Mais do que um espaço de formação artística, o projeto atua como agente de transformação social, valorizando saberes locais, potencializando talentos e estimulando o pensamento crítico por meio da arte. Assim, iniciativas como a produção do espetáculo *Nosso Chão* reafirmam o papel do teatro universitário como instrumento de resistência, memória e renovação cultural, contribuindo para o fortalecimento de uma identidade coletiva e de uma cultura viva e acessível a todos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: QUANDO O PALCO VOLTA À TERRA

O processo criativo do espetáculo *Nosso Chão* reafirma o teatro como um território de memória, resistência e reinvenção. A partir de uma dramaturgia coletiva, enraizada nas histórias silenciadas do Vale do Rio Doce e inspirada pelo olhar feminino sobre o território, o grupo construiu uma obra que transcende o palco e se constitui como gesto político, estético e afetivo. A experiência de criação, profundamente conectada aos elementos da natureza e ao corpo como lugar de memória, possibilitou uma cena viva, sensível e comprometida com a escuta do chão que se pisa, nesse chão ferido, mas ainda fértil de ancestralidade, cultura e luta.

A trajetória do espetáculo, suas apresentações públicas e o reconhecimento recebido em festival nacional demonstram a potência do teatro universitário como prática de transformação social e afirmação de direitos. A viabilização por meio da Lei Paulo Gustavo revela o impacto positivo das políticas públicas de fomento à cultura, que permitem que trabalhos como este não apenas aconteçam, mas mobilizem comunidades, artistas e públicos diversos. *Nosso Chão* deixa como legado uma prática artística comprometida com a escuta do território, o protagonismo coletivo e a



**CELEBRAR IDEIAS
QUE MOVEM O FUTURO!**

produção de sentidos que reafirmam a arte como direito e a memória como caminho de pertencimento e reconstrução.

Dessa forma, *Nosso Chão* constitui-se como síntese poética de um processo pedagógico e artístico, que entrelaça estética e política, técnica e afeto, criação e memória. O espetáculo é fruto da vivência compartilhada, da escavação do passado e da escuta do presente, convertendo o palco em território de resistência e pertença. Ao abordar a luta pela terra, a construção das ocupações e os desafios da moradia digna, o grupo promove uma arte implicada com o seu tempo e com sua gente. Trata-se de um teatro que não se separa da vida, que nasce da terra e retorna a ela como celebração e denúncia, como convite ao reconhecimento do outro e à reconstrução coletiva do que chamamos de “nosso chão”.

PALAVRAS-CHAVE: teatro; interdisciplinaridade; corpo-ator; corpo-memória.

AGRADECIMENTOS:

Agradecemos à Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE e a Fundação Percival Farquhar – FPF por acreditar na potência da Arte e da Ciência, integradas na Academia. Ao Mestrado em Gestão Integrada do Território e ao curso de Pedagogia, por serem cursos potentes que permitem trabalhos interdisciplinares com potenciais criativos nos campos da arte e da educação. Ao Governo Federal e à Prefeitura de Governador Valadares, em nome da Secretaria Municipal de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo, que possibilitou o desenvolvimento e criação deste trabalho, por meio da Lei Paulo Gustavo. E um agradecimento especial aos extensionistas, artistas do Teatro Universitário, que se permitiram sentir e doar seus corpos neste espetáculo.

REFERÊNCIAS

BARBA, Eugenio. **A canoa e o vento:** ensaios sobre teatro. São Paulo: Hucitec, 1994.



**CELEBRAR IDEIAS
QUE MOVEM O FUTURO!**

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. *In*: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222 -235.

ESPÍNDOLA, Carlos. **O território do Vale do Rio Doce**: história e cultura. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2021.

HURTADO, Lina Maria; Carlos Walter Porto-Gonçalves. “Resistir y re-existir”. **GEOgraphia**, n.24, v.53, p. 1-10, 2022.

LEHMANN, Hans-Thies. **Teatro pós-dramático**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. Olhar encarnado, geografias em formas-de-vida. **GeoTextos**, v. 14, n. 2, p. 37-254, 2018.

MARINHO JÚNIOR, Adilson. Memórias do desmatamento no Leste de Minas. **Revista de História Ambiental**, v. 14, n. 2, p. 45–67, 2022.

PAIVA, Chales Henrique Paiva; ANDRADE, Simei Santos; SANTOS, Valdicélio Martins. Olga Reverbel: Uma mulher de teatro. **Revista Ensaio Geral**, v. 6, p. 110-122, 2014.

SANTOS, Valdicélio Martins; GENOVEZ, Patrícia Falco; NASCIMENTO, Karla Almeida; ATAÍDE, Joana Paula. Corpo-Território, Corpo-Ator e Corpo-Memória: a transposição da dor nos múltiplos corpos em cena no espetáculo “Nosso Chão”. **CAD.GIPECIT**, ano 28, n. 52, p. 250-267, 2024.

VILARINO, Maria Terezinha Bretas; GENOVEZ, Patrícia Falco. **Os caminhos da luta pela terra no Vale do Rio Doce**: conflito e estratégias. Governador Valadares: Editora Univale, 2019, v.1.